



SAGRES.

Nobre e grandemente nacional foi o pensamento da erecção de um monumento á memoria do infante D. Henrique, no proprio lugar que elle havia escolhido para estabelecer a famosa escola de mathematicas e navegação, donde sahiram os nossos primeiros navegadores, e que por consequencia foi a origem dos pasmosos descobrimentos que devassaram á Europa os mares, portos e preciosidades do Oriente. — Sagres, que o infante fundou á volta de Ceuta, e onde residiu por muito tempo e veio a findar seus dias, hoje sitio quasi ermo, reduzido a uma praça maritima de diminuta guarnição, é um nome tradicional e historico, que percorre o mundo por beneficio da impressão: mas os olhos dos que a visitaram até 1840 não descobriram uma pedra, uma inscripção, que lhes avivasse a recordação, exarando a gloria do illustre D. Henrique. Esta nodoa de negligente esquecimento, de que para com tantos varões benemeritos da patria somos culpados, foi apagada no anno apontado, assentando-se o monumento, com as inscripções que diremos adiante, a pag. 140.

A ponta, ou promontorio de Sagres, na costa do Algarve, obra de uma legua a leste do Cabo de S. Vicente (1), forma uma península de 450 braças d'extensão, desde o meio da garganta do isthmo ou lingueta que a prende á terra até a ponta que mais entra pelo mar e na direcção de nordeste a sudoeste, com 200 braças na maior largura, que é quasi ao meio desta superficie (2). O solo é um rochedo escavado, que apenas em algumas fendas entupidas d'areola mantem a enfezada vegetação de matto rasteiro, que não cresce mais de um palmo acima do chão: parece que está assentado em abobada feita pela natureza e o correr dos annos, o que se confirma pelas concavidades na raiz banhada pelas ondas, e mais ainda pelas aberturas do nivel superior, que são outros tantos respiradouros, por

onde resfolga impetuosamente o vento, e jorra o mar a grande altura espalhando a larga distancia a salsugem, que esterilisa os campos contiguos ao promontorio.

A fortificação desta paragem [com toda a probabilidade] deveu sua origem ao infante D. Henrique; em tempo de Filippe 3.^o, pelos annos de 1631, a repararam; e foi reformada muito posteriormente, em 1793: por isso é de crer que, tomando nós de um *album* antigo o desenho, que copiámos, algumas differenças possam notar-se: quanto ás casas ou paços onde morou o infante e tivera as escolas, não se encontram vestigios certos, apesar das poucas tradições locais que se conservaram; nem as conjecturas podem tomar bases seguras, porque foram destruidos os documentos e livros da camara de Sagres, quando o seu mui limitado concelho foi annexado ao de Villa do Bispo. A fortificação existente quadra o termo proprio de *tenalha*, sem fosso, nem estrada coberta, servindo-lhe d'esplanada o terreno com a sua inclinação natural para o lado da campanha, que é plana e se descobre na distancia de mais de duas leguas; e quasi até o alcance da artilheria, principiando da raiz da muralha, é incapaz de admittir os trabalhos de *aproxés*, por ser rocha da mesma natureza da península, com algumas pequenas ondulações. Dos extremos dos meios baluartes corre a muralha pelas extremidades da rocha, fechando assim de ambos os lados os baluartes, e nestes ramaes de muralha estão formadas duas baterias para guardar as bahias. Contigua á cortina e quasi no meio della para o interior da praça, existe uma torre quadrangular, de 50 palmos d'altura, com 12, 14, e 18 de espessura no pé das muralhas que a compõem. A entrada principal da praça, no exterior ao meio da cortina por um corredor que atravessa o seu reparo, é continuada por baixo da abobada da torre, onde forma uma porta para o interior da praça, junto da qual e encostada á torre está a entrada para o corpo da guarda. O alto da torre ou a sua plataforma é guardada de parapeitos, formando um pentagono regular com o vertice para a campanha, com canbe-

(1) Vid. estampa e noticia a pag. 117 do vol. antecedente.

(2) Extractámos esta informação do relatório circunstanciado que o Sr. Lourenço Germack Pessollo apresentou ao Governo.

neiras rasgadas, ficando a cavalleiro da recinto magistral. É esta torre o unico edificio existente, que indica mais remota antiguidade, e por ser o mais nobre da praça foi escolhido pelo habil official, encarregado da collocação do monumento, o Sr. Possollo, que o fez assentar na parede por cima da porta. — Quanto aos quarteis, feitos em 1793 são edificios accommodados ao intento, mas pequenos, nem tem cousa que mereça especial menção. No extremo da península ha duas pequenas baterias, a leste e a oeste, que entre si distam cento e trinta e cinco braças.

ECONOMIA POLITICA.

Considerações sobre o Curso d' Economia Politica, publicado em Paris em 1842 pelo Sr. Miguel Chevalier.

II.

É FACTO verdadeiramente singular na historia das nações este da nossa, que tendo nós descoberto e dobrado o cabo de Boa-Esperança, doando assim á custa de muito sangue e cabedal nosso aos povos de ambos os hemispherios uma estrada magnifica, muito mais facil e barata que a antiga para o carreto dos seus productos, despresassemos as communicações do nosso solo natal ao ponto que todos vemos! Bastava que das riquezas, que grangearam no commercio das colonias, consagrassem os nossos antepassados uma parcella centesimal ás estradas e ao aperfeiçoamento dos nossos rios para que hoje fossemos o que não somos por nos faltar este titulo de civilisação — uma nação europea. Não o fizeram. Absolve-os do seu descuido, emendando-os, era o que nos cumpria. Mas não só absolvidos, justificados estão por nosso desleixo.

E comtudo não ha nada mais fatal do que este desleixo á prosperidade do reino. As más estradas ou a falta d'ellas podem dobrar e até quadruplicar o preço dos generos, sem que o productor utilize esse excesso que é prejudicial ao consumidor — o preço do trabalho, sem que o trabalhador utilize esse excesso, que é em damno do proprietario — e o preço do transporte, sem que ninguém utilize esse excesso, que é todo em detrimento do productor e do consumidor juntamente. É uma perda geral para toda a sociedade.

Esta perda é incalculavel no estado, para deplorar, das nossas estradas, e navegação interna. Ha porções consideraveis de terreno que carecem absolutamente de caminhos transitaveis; ha rios e correntes que não prestam nenhum serviço á condução, porque não tem sido aproveitados, canalizados, ou, emfim, mettidos no gremio dos instrumentos productivos por meio de obras convenientes. O principal damno que resulta deste abandono, é a impossibilidade ou a carestia do carreto: o outro, tambem assaz grave, é causado á saude publica e á cultura: á saude publica pela estagnação das aguas e deposito que fazem de residuos animaes e vegetaes expostos ao ardor do sol; donde nascem intermitentes no nosso Riba-Téjo, em Silves e suas immediações no Algarve, e em outras partes do reino: á cultura pela inundação, e repreza das aguas em terras araveis, causada da sinuosidade e direcção irregular das correntes. Quem esmar, não digo já calcular, por um lado os terrenos que assim são perdidos para a lavoura, e por outro os individuos

que a morte dizima, ou a doença inutilisa temporariamente por este motivo, ha-de affligir-se, e lamentar o descuido com que tem sido entre nós tratado este ramo do serviço publico.

Mas não olhemos esta face do objecto, e nem mesmo o damno negativo que está soffrendo a cultura em algumas partes do nosso solo por falta de irrigações: contemplemos sómente o transporte. O transporte onde elle é possível — que em muitas localidades não é — está-nos custando, pelo menos, duas vezes mais do que devia custar-nos, se as nossas communicações, terrestres e fluviaes, estivessem em termos, não quero que de perfeição, de mediania. E digo de mediania, porque tomáramos nós alcança-la em nossos dias. Suppondo — é simples supposição, mas não pecca por excesso — que actualmente se dispenda no transporte de homens e mercadorias dois terços sobre o esforço que devia ser-nos necessario n'um estado regular de communicações internas, é evidente que esse accrescimento de esforço que podia ser empregado n'outros trabalhos industriaes, fica absorvido nos do carreto. Se estimarmos em 5000 rs. a renda annual de cada portuguez da Europa, distribuida por uma população de 3:300:000 habitantes, a totalidade d'essa renda será 165 mil contos. E se calcularmos o custo dos transportes no vigesimo d'ella, a totalidade d'esse custo serão 8250 contos, cujos dois terços, que é o que perdemos, por supposição, [não exaggerada] annualmente no carreto, montam á somma enorme de 7500 contos! Eis-aqui o que desperdiçamos annualmente, só no tocante a despesa de transportes, por não attendermos á viação das estradas e rios. Desperdiçamos uma quantia que excede ao triplo do juro annual da divida estrangeira, a dois terços da nossa receita, e é igual á subsistencia de 75000 pessoas, orçada em 100000 rs. annuaes por cada uma.

Sem melhoramento n'este ramo não podêmos dar um passo em nenhum outro: e a nossa agricultura, em que temos obtido muitas vantagens desde as medidas economicas da restauração, ha-de parar no seu adiantamento e até retroceder em chegando a certo ponto, se lhe não facilitarem a locomoção; porque não basta tê-la desassombrado dos obstaculos moraes que se oppunham á sua circulação, é indispensavel liberta-la de outros, que são os fisicos, offerecidos pelas distancias, e a natureza do terreno.

Um dos inconvenientes que appresenta esta condição, verdadeiramente africana, das nossas communicações, a que bem pouca, se alguma, attenção se dá, consiste na impossibilidade em que nos põem de orçar o quantum de impostos que, sem risco da sua vitalidade, podem supportar as nossas forças productivas. Os calculos que se fazem, comparando a parcella pecuniaria de tributos que em Portugal toca a cada individuo com a quota analoga em outros paizes, para se concluir que os nossos contribuintes estão mais aliviados que os de algumas nações, são completamente defectivos; porque ainda que oito vintens sejam iguaes a um franco, na relação monetaria, esta mesma quantia tem differente valor permutavel segundo os differentes paizes, e o imposto de um franco pago na Belgica não equivale a um imposto de oito vintens pago em Portugal. Mas, sobre tudo, a importancia das contribuições que uma nação pôde pagar não se regula pelo que pagam ou podem pagar as outras: regula-se pela facilidade, maior ou menor, da produção nacional de cada povo. O povo onde a produção é facil pô-

de ser mais tributado do que outro onde é difficil; e as difficuldades que ella encontra são outros tantos impostos, negativos para o estado que os não recebe, onerosos para os particulares que os supportam em pura perda. Ora d'estes um dos mais pesados que a nós nos gravam, e que ninguém mette em conta, é a falta de communicações. Tributo d'esta especie, tão avultado como o que nos opprime, não opprime a nenhum paiz da Europa, exceptuando a Russia. Por isso affirmei eu que o estado dos nossos caminhos e navegação interna nos constituia na impossibilidade de avaliar até onde podia subir, sem damno das faculdades productivas do reino, o algarismo dos nossos tributos.

Uma das maiores vantagens das conducções faceis e expeditas é a barateza dos generos; e a barateza dos generos, sobre tudo d'alguns dos de mais geral consumo, é um dos indicios mais infalliveis da prosperidade de um paiz. Esta barateza proporciona melhor aos cidadãos, quando consomem, a satisfação das suas necessidades, e até assegura mais aos que produzem a extracção dos seus productos. Aos productores, certamente, conviria mais a elevação dos preços, se a fortuna do grande numero que consome podesse com estes: mas não podendo, o resultado dos preços altos será sempre uma diminuição proporcional na extracção das mercadorias, que ninguém ha-de affirmar seja favoravel aos interesses dos que as produzem. Não é dos generos raros em razão de monopolio natural, nem de alguns artigos agricolas, indispensaveis, mas de producção, limitada pela natureza das cousas, que trato, que os primeiros não podem chegar ás classes mais numerosas da sociedade, e por isso mesmo ou o seu preço ha-de forçosamente ser subido, ou o seu fabrico abandonado; e a depreciação extrema dos segundos não póde ser argumento da fortuna nacional: fallo dos procurados por essas classes, e necessarios á sua subsistencia: e reduz a questão á ultima simplicidade dizendo: que a prosperidade não póde conceber-se sem a abundancia, e que a abundancia não póde casar-se permanentemente com os altos preços dos productos em muitos casos, e da producção em todos. Que se por outro lado se considerar, que ha productos no nosso paiz, os quaes não podem sair do berço onde nascem, ou passar alem de um raio mui limitado de consumo, por carestia ou impossibilidade de transporte, quem se atreverá a duvidar de que este mal está reclamando remedio, e prompto?

Provincias e pontos ha no reino mais distantes de outros pontos do reino do que de alguns paizes da Europa; mais distantes, pelas leguas não, pelos máus caminhos. Esta casta de distancia obrigava Lisboa a importar trigo de Odessa: e ainda hoje a obrigaria, como ha bem poucos annos, se o augmento dos cereaes no Riba-téjo e n'outras partes a não bastecesse d'elles. A experiencia de todos os dias, e o simples instincto estão ensinando que as fabricas e as terras de lavoura quanto mais proximas ás grandes povoações e cidades, tanto mais augmentam em lucro e em valor; e que tanto mais diminuem em ambos, quanto mais se affastam d'estes grandes focos de consumo. Figuremos um triangulo: os productos estejam no vertice: os consumidores na base: os dois lados sejam as estradas terrestres ou fluviaes, por onde se hão-de conduzir os productos ao centro do consumo. Quanto mais proximos estés se acharem da base, melhor será a condição tanto dos productores, como dos

consumidores. Mas se não poderem nascer senão no vertice, quanto mais facil e rapido fôr o movimento com que desçam para a base, tanto melhor. Se o genero se achar distante do consumidor dez leguas que se possam vencer em 5 horas, estará na realidade mais proximo do que achando-se na distancia sómente de oito leguas, as quaes comtudo, pela inferioridade dos caminhos, apenas possam vencer-se em 6 horas. Assim é que Odessa está mais perto de Lisboa do que o Alemtejo, pela economia [rapidez e barateza] dos transportes, não pela medida linear das distancias.

Andai para diante — *progresso, progresso!* nos clamam de toda a parte. — Tambem o queremos: mas como andar para diante, se nós não temos estradas! E como as escusaremos se ellas significam tudo isto — na ordem economica, *barateza, abundancia e commercio* — na ordem civil, *segurança* — na ordem politica, *nacionalidade* — na ordem moral, *civilisação*? Em quanto as mercadorias, os homens, as idéas, os costumes, e as affeições nationaes não circularem facilmente por todos os angulos do reino, commercio interno, segurança, nacionalidade, civilisação serão vozes para nós, vozes vans sem significado real que lhes corresponda: Lisboa e Porto serão cidades portuguezas de Europa; mas as nossas aldeas sertanejas serão terras çafaras de Africa. É preciso estabelecer estas correntes electricas que comuniquem o mesmo movimento aos membros desatados e dispersos d'este corpo, e que amanheça para nós o dia da vida activa e social da nossa epocha. Olhai para todas ou quasi todas as nossas povoações maritimas, vereis demonstrada a poderosa influencia da facilidade dos transportes sobre o incremento da riqueza na vantagem, que em commercio e prosperidade levam ás do interior essas mesmas povoações, ou situadas á beira-mar, ou banhadas de grandes rios navegaveis, ou visinhas das suas margens. Estas são, não outras, as verdadeiras palhetas de ouro que rola o Téjo: e o maior cabedal que os nossos rios encephram em sua urna opulenta é a potencia locomotiva.

(Continúa.)

A. d'O. Marreca.

Mananciaes sulphureos em summo gráu. — Na provincia russiana de Orenburgo, nas margens do Sourgout [como os francezes escrevem] brotam dentro do limite de seis a sete leguas mais de uma duzia de fontes, cujas aguas são por tal modo impregnadas de enxofre que depositam um sedimento, que os povos visinhos ajuntam e vendem como se fôra aquelle mineral puro; e é esta colheita objecto lucrativo; apesar do rigor da temperatura nunca gelam, nem quando as aguas daquelles arredores estão coalhadas pela intensidade do frio. — Ha outra nascente com a mesma propriedade e igualmente perenne, que está distante uma legua da aldeia de Ichtulkina; chamam-lhe *tanque de enxofre*, e as suas aguas claras deixam ver no fundo o leito sulphureo com toda a natural cor de amarello esverdeado; ha porem a notavel circumstancia de que n'um raio de meia legua o circuito da nascente exhala um fetido insupportavel. O ribeiro que deriva desse tanque leva umas aguas turvas e brancas: os aldeãos russianos, que por alli moram perto, para as designarem como á vista se apresentam pouco mais ou menos, pozeram-lhe o nome de «Ribeiro de leite.»



MONUMENTO AO INFANTE D. HENRIQUE NA PRAÇA DE SAGRES.

Consiste esta memoria n'uma lapida de marmore, que faz um corpo de $10\frac{1}{2}$ palmos de altura, e $5\frac{1}{2}$ ditos de largura, embutida na parede sobre a porta interior da entrada principal da fortaleza de Sagres: é o mesmo corpo dividido em dois planos, contendo o superior, em meio relevo, o escudo de armas do Infante, com uma esphera armillar á direita, e da parte esquerda um navio á vela; o plano inferior consta de duas almofadas, na do lado esquerdo ha esculpida uma inscripção latina, e na do direito lê-se a versão em portuguez; sómente a qual damos aqui aos leitores. Na estampa acima vê-se o contorno geral e a disposição da memoria, e indicados os logares dos respectivos letreiros. Da collocação lavrou auto aos 24 de julho de 1840 o secretario da camara municipal da vizinha villa do Bispo, e o assignaram o governador da praça, o capellão, os officiaes da guarnição, os membros da camara, e o capitão de mar e guerra L. G. Possollo, que os convidára para este acto, a que presidiu.

Inscripção em portuguez.

monum. consagrado á eternidade. o grande infante d. henrique filho de elrei de portugal d. joão I., tendo emprehendido descobrir as regiões,

até então desconhecidas, de africa occidental, e abrir assim caminho para se chegar por meio da circumnavegação africana até as partes mais remotas do oriente, fundou nestes lugares á sua custa o palacio da sua habitação, a famosa escola de cosmografia, o observatorio astronomico, e as officinas de construcção naval, conservando, promovendo e augmentando tudo isto até ao termo da sua vida com admiravel esforço e constancia, e com grandissima utilidade do reino, das letras, da religião, e de todo o genero humano: falleceo este grande principe depois de ter chegado com suas navegações até o 8.º gr. de latitude septentr., e de ter descoberto e povoado de gente portugueza muitas ilhas do atlantico aos XIII. dias de novembro de 1460. d. maria II. rainha de portugal e dos algarves mandou levantar este monumento á memoria do illustre principe seu consanguineo aos 379 annos depois do seu fallecimento, sendo ministro dos negocios da marinha e ultramar o visconde de sá da bandeira. (*) 1839.

(*) Virgulámos para mais facil leitura.

O Bono.

1128.

XI.

O subterraneo.

Depois de acabado o banquete quando os cavalleiros começavam a derramar-se pelas salas esplendidamente adornadas dos paços de Guimarães, e a descer aos pateos onde os cavalleriços os esperavam com os cavallos, delles e dos seus acostados e pagens; Fr. Hilarião receoso de um novo encontro de Gonçalo Mendez com Veremudo Perez, o qual teria provavelmente consequências que naquella melindrosa conjuncção era necessario evitar, com tal arte soube reter o violento rico-homem na sala d'armas, que ao descer ao terreiro interior, este começava a estar deserto, porque mais de uma hora tinha passado. Ahi mesmo ainda o abbade procurava, parando, demorar a sahida do cavalleiro com interminaveis reflexões e perguntas sobre os receios e esperanças que agitavam todos os animos. No meio, porem, da manhosa conversação do velho monge um caso inesperado veio interrompe-la.

O vasto pateo que precedia o palacio estava apenas alumiado pela luz affastada de uma almenara collocada no cirado da agigantada torre alvarran, e pelo tenue reflexo de dois fogaréus que ardiam aos lados da ponte levadiça. A claridade dos dois facho, atravessando por baixo do portal soturno, ia bater sómente no atrio da escadaria que dava communição para a sala d'armas. De um e d'outro lado do terreiro as trevas pareciam profundas aos que seguiam da escada ao portal por aquella especie de estrada de luz, mas por isso mesmo estes eram perfeitamente vistos por quem quer que estivesse de uma ou da outra parte.

No momento em que parou, Gonçalo Mendez viu ao pé de si um individuo, que elle suppunha já bem longe de Guimarães.

«Como assim, Odorio Fromariguez? — Ha mais de uma hora que devieis ter partido para a terra da Maia. — Os annos, meu amo, teem-vos tornado os pés tardos.»

A pessoa a quem o Lidador dirigia estas palavras era um velho, pequeno de corpo, magro, olhos como duas ervilhacas, e tez semelhante a um pergaminho de sete seculos amarrotado. Trazia vestido um lorigão negro, e na cabeça um camalho, que, cubrindo-lhe o pescoço até os hombros, e circumdando-lhe o rosto como a toalha d'uma freira, apenas lhe deixava este visivel. Aquelle trajo militar era o de um simples homem d'armas, ou acostado de rico-homem; porque o arnez de solhas e o elmo ou capello de ferro brunido, ainda eram armadura demasiado custosa para os que, pelo menos, não pertenciam á classe dos simples cavalleiros.

A resposta do velho ás palavras de Gonçalo Mendez, nas quaes, posto que proferidas em tom submisso, transluzia o despeito, foi pôr o dedo na boca, fazer-lhe signal que o seguisse, e encaminhar-se para um dos recantos do pateo, onde a escuridade parecia mais profunda.

Odorio Fromariguez era o villico do solar da Maia. O villico do seculo 12.º, quer o fosse do rei, conde, ou senhor supremo, quer de um vassallo poderoso, correspondia não só ao moderno administrador ou mordomo de rico fidalgo, mas tambem representava a auctoridade administrativa e ainda, em certos casos, a judicial, dentro dos limites da honra, préstamo, ou senhorio respectivo. Era elle

quem por via de regra fazia o alardo, e muitas vezes capitaneava na guerra os peões, bésteiros, frecheiros e fundeiros, e na ausencia do senhor fazia as suas vezes em todos os logares, salvo nos castellos ou castros, onde ao alcaide ou tenente tocavam em grande parte as attribuições do villico. Conforme a promessa que fizera ao homem do zomame, Gonçalo Mendez ao subir para a sala do banquete encontrando ahi entre os seus acostados Odorio Fromariguez, que nessa occasião se achava na côrte, lhe ordenára partisse immediatamente a todo o correr do cavallo para a terra da Maia, e convocando oitenta acobertados e sessenta peões os tivesse a ponto com caldeira e pendão, para cumprir as ordens que brevemente lhe havia de comunicar. Receando que o villico commettesse alguma imprudencia, nada mais lhe fizera saber, resolvido a enviar no dia seguinte um cavalleiro que devia acompanhar aquella mesnada, ou força, como hoje diriamos, até o arraial do infante.

Tanto o Lidador como o abbade haviam seguido o villico para o sitio, que elle parecia buscar com toda a precaução. Chegados a um canto escuro entre a sacada interior de uma torre e a escada que subia para o adarve da quadrella contigua, o villico parou, voltando-se para os dois.

«Porque não partiste? — perguntou o cavalleiro. — Que mysterios são estes?»

«Não pude: — respondeu o velho. — Os vigias, roldas, e sobre-roldas tem as mais estreitas ordens para não deixarem passar alem das barbacans do burgo ninguém; seja quem fôr: o proprio conde de Trava não é exceptuado. Entre os homens d'armas correm varias noticias. Se accreditarmos o que se diz» Aqui o villico hesitou e callou-se.

«Que é o que se diz? — acodiu o Lidador depois de alguns momentos, impaciente com o silencio de Odorio Fromariguez.

«Que — proseguiu o velho ainda hesitando — ha conjurados contra a rainha dentro de Guimarães; e ousam pronunciar o nome de um dos mais illustres e leaes ricos-homens de Portugal como o do cabeça e movedor da conjuração.»

«É cujo é esse nome? — insistiu com voz firme o Lidador.

«É... — tornou o villico em tom quasi imperceptivel: — é o vosso!»

«Oh, entendo, entendo! Murmurou com uma colera reconcentrada Gonçalo Mendez. Medem-me por si os miseraveis! Porem, não! Elles bem sabem que lealmente eu diria á rainha: — Senhora, não será para estrangeiros meu preito; que o devo a vosso filho. — Bem sabem que á luz do meio-dia eu movêra os meus pendões para a hoste de Affonso Henriquez. Conspiradores covardes são elles; porque querem colhêr ás mãos indefensos os que teem encontrar nas lides. Esqueceis-vos, meus nobres senhores, que tenho comigo vinte acostados, e que vinte acostados meus são sobejos para, máu grado vosso, romper larga sahida por essas tão vigiadas barreiras? — Villico — proseguiu elle voltando-se para Odorio Fromariguez — vai-te ao meu bairro: previne já os nossos cavalleiros que vistam immediatamente as armas; e que juntos na minha pousada vigiem das ameias as ruas em roda, porque nos ameça uma negra traição: eu breve serei com elles.

O tom com que o esforçado rico-homem proferira estas palavras não admittia observações: o villico obedeceu.

Apenas elle partira, Gonçalo Mendes dirigiu-se a Fr. Hilarião.

«Abade do Mosteiro de D. Muma, vós me acompanhareis. A vossa amisade para comigo póde ser-vos fatal: o conde de Trava não é homem que respeite a santidade do sacerdocio; e a vida, ou pelo menos a liberdade, vos correria grão risco, se nas prevenções desta noite se esconde, como suspeito, um pensamento atroz.»

«Deixai o obscuro monge, — respondeu o frade — e salvai o illustre guerreiro. Que importa a liberdade ou a vida de quem como eu já demais tarda ao sepulchro? A morte, posto que me aterre, achar-me-ha resignado. Mas o que mais temo é o vosso proprio esforço. Com vinte homens d'armas que podeis fazer em Guimarães, onde Fernão Perez conta mais de mil lanças dos seus parciaes?»

«Ao romper d'alva — replicou o cavalleiro — por meio desses vigias e roldas a minha acha d'armas abrirá franca passagem aos vinte cavalleiros do solar da Maia. Os que então se opposerem á sua sahida — proseguiu com um sorriso amargo — não terão, juro-vos-lo eu, largo alento para dizer ao conde de Trava: — Gonçalo Mendez, ei-lo que vai juntar-se com os seus á hoste do infante de Portugal. Ao menos terei ao partir sellado para sempre alguns labios desses que ousaram proferir o meu nome de involta com o titulo de desleal.»

«A ousadia — tornou o abade — vos faz parecer facil tão difficullosa empreza: mas o perigo é immenso. Se no primeiro impeto não poderdes salvar as barreiras, estais perdido; e esta tentativa desesperada dará cor de verdade ás accusações dos nossos inimigos.»

«É necessario sahir desta situação violenta — interrompeu o Lidador. — Sei o que significa tão repentino converter do burgo de Guimarães em vasta prisão de homens livres. Quando ahí se arrisque a vida, que importa? Estes pulsos não foram feitos para os ferros do senhor de Trava...»

«Mas se houvesse um meio — replicou Fr. Hilarião — mais seguro de vos pordes em salvo com os cavalleiros de vossa honra...»

«Há!» — disse uma voz que parecia soar do chão junto aos pés do monge. Gonçalo Mendez recuou mettendo mão á espada; e ambos procuraram no meio da escuridão descobrir donde partira aquella palavra.

«Quem é que nos escuta? — bradou o cavalleiro.

«Eu!» — disse a mesma voz, acompanhando esta palavra com uma grande risada.

«É a voz e o rir de D. Bibas! — exclamou o abade ainda sobresaltado. — Agora me recordo de que fica para este lado a sua humilde pousada.»

O monge, o cavalleiro, e todos os habitantes dos paços de Guimarães haviam-se completa e profundamente esquecido do truão — como porventura terá acontecido a mais de um dos nossos leitores.

Neste momento a luz de uma lanterna de furto-fogo deu de chapa nos vultos do Lidador e de Fr. Hilarião. Á tenue claridade que nos proprios corpos se refrangia, elles viram um braço, que segurava a lanterna no vão de uma porta baixa meia-cerrada, que mais parecia o adito da pocilga de um mastim que de habitação de homens. No meio do vão escuro luziam dois olhos, e alvejavam os dentes de boca escancarada por um rir que devia ser feroz.

«Que fazes aqui, truão? — perguntou o cavalleiro colérico.

«Escutava: — tornou tranquillamente o bobo estendendo a cabeça para os dois.

«Foi desgracia tua! — porque me é necessario o teu silencio: — murmurou o Lidador, largando a espada na bainha, travando do braço de D. Bibas, e levando a mão ao punhal que tinha no cinto.

O bobo não deu o menor signal de susto, e vendo este movimento do cavalleiro, que porventura só pertendia aterra-lo; — com um tom d'amargo escarneo replicou ao ouvir aquellas palavras ameaçadoras: —

Não gasteis comigo, nobre senhor, a unica moeda com que vós outros os poderosos comprais não só o silencio, mas tudo aquillo de que careceis para satisfazer paixões brutaes. Se eu quizesse delatar o que vos ouvi, não fôra tão louco que vos fallasse.

«Respondo por D. Bibas — acudiu o abade. — Não é elle capaz de trahir-nos. Quiz exercitar seu mister, e bem sabeis que seu mister é gracejar.»

«Fr. Hilarião! — interrompeu o bobo; — entre a vida que foi, e a que é e ha-de ser, ha para mim um abysmo. Cavaram-no os estrangeiros; mas eu os despenharei ahí! E depois D. Bibas, o folião, o bobo assentar-se-ha na borda delle para lhes alegrar a quêda; para rir e zombar. Á pergunta que fizestes se haveria modo de sahir de Guimarães este nobre cavalleiro — que intenta manchar seu rico bulhão no sangue vil de um jogral, — e os homens d'armas da Maia, respondi eu que havia. Juro que não menti. Tenho para isso meio facil. Podeis aproveitar-vos delle, se é que o beneficio de um bufão não deshonra um rico-homem d'illustre linhagem.»

«D. Bibas! — replicou o abade, fitando nelle os olhos como quem buscava lèr na sua alma: — é impossivel que queiras escarnecer de um nobre cavalleiro que nunca te maltratou e d'um pobre velho que sempre achaste indulgente, em quanto os outros monges te repelliam como a um reprobado, desde o dia em que despiste o nosso santo habito para te atirares aos deleites do mundo e, di-lo-hei, á devassidão da vida de um jogral. É impossivel, repito, que as tuas palavras sejam apenas uma cruel zombaria. Mas como hei-de acreditar-te? Que auxilio nos podes prestar, tu humilhado e fraco....?»

Bem sei que sou fraco! Oh bem o sei! — interrompeu o bobo com um accento em que se misturava a desesperação e a dôr. Essa terrivel verdade está escripta com sangue no meu corpo pelas mãos dos cavalleriços de Fernão Perez; e com fogo nos seios da minha alma pelo dedo da amargura.... Sou fraco!... porque não embraço um escudo, nem mencio uma acha d'armas! Sou um homem condemnado ao mais atroz dos tormentos; a chamar o riso aos labios e a alegria ao gesto quando o coração está em noite. Sou fraco...; porem não sou vil! Mais fraca é a vibora.... e tambem o homem que é forte, a calca e passa avante: — mas pisada, ella alça o collo, vibra a lingua farpada... e passado um dia, por cima do cadaver do forte — do homem, — o ente fraco — a vibora — póde arrastar-se, rolar, sem que elle alevante o pé para a esmagar de novo!...

O cavalleiro e o monge, cujos olhos se haviam affeito á luz escaça da lanterna do bobo, estavam pasmados ouvindo aquellas palavras, e vendo aquelle gesto truanesco, em que se pintavam o odio, a raiva, a desesperação. Attonitos, custava-lhes a crêr o que presenciavam, ignorando o que se passára no jardim pensil. O Lidador largára o braço de D. Bibas; e a muito custo poderam os dois perceber dos seus discursos truncados o motivo do furor do chocarreiro.

«Fico tranquillo! — disse por fim Gonçalo Mendez. — A injuria cruel que recebeste, e essa sede de vingança são os teus fiadores. Agora affastemo-nos d'aqui — accrescentou elle dirigindo-se ao abade. — Não devo demorar-me por mais tempo. Cumpre ter tudo disposto para sabirmos ao romper d'alva. A Virgem e Santiago sejam connosco.

Ia a affastar-se. D. Bibas, porem, o reteve, segurando-lhe com força a orla do saio.

«Não sahireis sem me ouvirdes! — exclamou o bufão. — Quando os sisudos traçam, como vós, impossiveis, importa que os loucos tenham juizo por elles. Os vossos intentos são vãos; porque antes da madrugada vinte homens d'armas da terra da Maia terão sido arrastados aos calabouços desse castello, e talvez a cabeça de illustre rico-homem tenha ro-lado aos pés do algoz. Certo cavalleiro, que ha pou-co trajava um zorame, deve, se cahir nas mãos do conde de Trava, acompanhar o nobre senhor nesse trance que o aguarda. O cavalleiro do zorame cha-ma-se Egas Moniz, e o rico-homem chama-se Gonçalo Mendez da Maia.»

O abade ficára estupefacto ouvindo as palavras do bobo; porem no animo do Lidador, o perigo imminente que este lhe annunciava só despertou mais violenta indignação misturada de curiosidade. Como soubera D. Bibas da vinda de Egas Moniz? Como advinhára elle os intentos do conde de Trava? Qual era esse meio que se gabava de ter para os salvar? Havia nisto tudo um enigma, cuja explicação era necessario encontrar. O chocarreiro porem lhe ras-gou o véu do mysterio.

Apenas, lacerado dos açoutes, e manando san-gue das costas, escapára das mãos dos cavalleriços e pagens, D. Bibas fôra esconder na especie de co-vil, em que vivia, a sua dor e vergonha. Era um pesadello, um delirio aquillo por que passára: era monstruoso e incrível! — Posto ás varas como um servo, elle homem livre; elle tão mimoso de seu bom senhor D. Henrique! As lagrymas correram abundantes por essas faces habituadas de longos an-nos unicamente ás contracções das visagens trua-nescas. As lagrymas, porem, nem o consolaram, nem bastavam á sua desesperação. Depois de se ro-lar pelo chão mordendo os punhos cerrados, o bufão assentou-se a um canto, como o lobo cerval colhido no fojo, cansado de lidar em vão por salvar-se. To-do o fel que o rir forçado de tanto tempo lhe fize-ra por assim dizer absorver e calcar no coração, achou enfim um resfolgadoouro no odio implacavel que a dolorosa e terrivel affronta recebida lhe ge-rára lá dentro. O pensamento da vingança alcançá-ra o que não haviam obtido as lagrymas: — D. Bi-bas sentia agora que ainda havia para elle consola-ção e esperança.

Mas como vingar-se? Ignorava-o. Juraria comtu-do que Belzebuth lhe dizia ao ouvido: — Pensa bem; que has-de atinar com o caminho que bus-cas. Quem deixou de achar meios neste mundo pa-rra satisfazer paixões más?

Machinalmente D. Bibas despira as roupas varie-gadas de folião, e vestindo um simples traço d'es-cudeiro galgára as escadas do paço. Na confusão que reinava na salla do banquete ninguem o conhe-ceu. Girando de uma para outra parte elle cogitava no modo por que poderia obedecer ao pensamento irresistivel que o agitava. A esperança de que a festa terminasse segundo o costume por completa embriaguez em que o sangue corresse, e que tal-vez no meio da desordem alcançasse approximar-se

do conde, lhe sorriu um momento. Então pensava lá comsigo como uma boa punhalada pagaria a di-vida do truão ao nobre senhor! Mas arriscava-se a errar o golpe, e elle precisava da vida até obter completa vingança. Tambem pela cabeça desvaira-da do chocarreiro passou a idéa de envenenar a ta-ça ou copo por onde Fernão Perez havia de beber. Mas fôra impossivel sequer o tenta-lo sem ser des-cuberto. Fluctuando assim a sua imaginação desre-grada de pensamento em pensamento, D. Bibas se conservára na sala do banquete até o fim: vira en-trar Garcia Bermudez; e os signaes de accordo que houvera entre elle e o conde. Ao retirar-se a rei-nha, o bobo se aproveitára do tumulto dos caval-leiros que sahiam, para renovar uma das suas usuas habilidades, com o intento de observar até o fim o que se passava. Os sergentes e pagens appressavam-se a lançar mão dos restos do banquete, e por en-tre elles D. Bibas pôde sumir-se debaixo dos ricos pannos, que, segundo o costume do tempo, cobriam, até rojar pelo chão, aquella vasta mesa. Alli, ora escutando, ora coando pela memoria um a um os açoutes que recebera e as chufas e apupos dos ca-valleriços e servos, elle despertava na propria phan-tasia um tropel de vinganças imaginarias, a qual dellas mais absurda e inexequivel. O louco por ar-te desde que deixára de rir tocava quasi as raiaes da verdadeira loucura.

Daquelle escondrijo o bobo ouvira perfeitamente o que se passára entre o conde de Trava, o alferes-mór e o filho de Veremudo Perez. As revelações deste, as ameaças do conde, e a commissão mys-teriosa de que Garcia Bermudez encarregára o pa-gem, nada escapou a D. Bibas. Para os seus inten-tos esta conversação fôra um raio de luz. Fernão Perez receava-se de uma traição de senhores e ca-valleiros illustres, e era elle villão humilde, elle jogral, elle verme desprezivel que o mui nobre con-de crêra esmagar n'um momento de colera, quem podia entregar Guimarães ao infante, e despedaçar nas mãos do ambicioso e altivo barão não só o po-der mas a vida. D. Bibas esteve a ponto de soltar um rugido de contentamento ao occorrer-lhe essa idéa, e um clarão de damnada esperança allumiou as trevas da sua alma.

Desde a morte de D. Henrique, o seu bobo que-rido cahira da grande altura do valimento ao nivel dos animaes domesticos; o seu fado fôra o dos pri-vados de principe que desceu ao tumulo; e, como succede a estes frequentemente, se não o expulsa-ram do importante cargo que exercitava, foi que ninguem havia ali que o substituisse. Lançaram-no, porem, para aquelle aposento baixo, triste e humido, em que D. Bibas desde então habitava, consolando-se do desprezo com essas horas de glo-ria e triumpho em que imperava, rei das festas no-cturnas, nos saráus esplendidos e nos banquetes sumptuosos, a que elle dava vida e cor com as suas agudezas e chascos.

Nesta especie de caverna, para onde fôra dester-rado o bom do truão, curtira muitas horas de te-dio: a solidão para qualquer alma sem affectos é um tormento real, e a alma de D. Bibas era por esse lado uma verdadeira Thebaida. Certo dia em que deitado no seu almadrake tinha os olhos fitos n'uma restea de sol que dava de chapa na parede fronteira, pareceu-lhe divisar nesta os vestigios de uma porta entaipada. A curiosidade o incitou a fa-zer mais attenta averiguação. Não se enganára. A força de tempo e diligencias pôde abrir sufficiente

passagem para o escondrijo que achára. Era este um daquelles caminhos subterraneos, communs em quasi todos os castellos da idade media, por onde nas ultimas estreitezas os defensores dos logares fortificados alcançavam salvar-se quando a resistencia se tornava impossivel. Este caminho, que parecia pertencer á fundação primitiva do castello de D. Muma, fôra provavelmente condemnado como inutil quando o genro de Affonso 6.^o lançára em roda dos seus paços soberbos uma cinta de muros e torres inexpugnaveis.

Nunca D. Bibas revelára o descobrimento casual que fizera. Este homem, que nada possuia, quizerá ao menos possuir um segredo. E na presente occasião aquella innocente avareza lhe punha nas mãos um rico thesouro — o cumprimento dos seus vingativos desejos. A entrada do subterraneo era longe, e o bobo atravessando-a algumas vezes tivera o cuidado de tornar ainda mais cerradas as balsas, carças e troncos que a encobriam. A idéa que lhe occorrêra ao ouvir a conversação do conde e do alferes-mór fôra a de fazer servir este caminho desconhecido ao odio que o devorava. O infante dirigia-se a Guimarães, e na primeira noite elle lhe podia dar nas mãos aquelle invencivel castello. Assim apenas vira deserta a sala do banquete, sahira e viera fechar-se na sua pocilga, para cogitar no modo de executar seus intentos. Deitado no roto e immundo almadrague estava embebido em reflexões, quando ouviu fallar o cavalleiro e o monge. Pôz-se a escuta-los, e do seu dialogo conheceu os receios que os agitavam, receios que elle sabia serem bem fundados. Deus ou o demonio lhe trouxera alli os instrumentos da vingança. Dando sahida ao Lidador e aos seus cavalleiros; o esforçado senhor da Maia ficaria sabendo o meio de saltar este vasto e solido castello, que aliás parecia inquistavel.

Tal foi em substancia a narração de D. Bibas, que fechando a porta conduzíra o monge e o rico-homem ao lado do aposento onde elle abríra entrada para o subterraneo. — «Por aqui — dizia o bobo com um rir diabolico — é o caminho da salvação para vós, e para mim o de ver realisado o que será d'ora avante o unico pensamento da minha vida.»

O Lidador ficou por algum tempo em silencio, e por fim exclamou:

«Mas quem ha-de salvar os meus bons e leaes cavalleiros, que me aguardam?»

«Eu: — acudiu o bobo. — As portas do castello ficam abertas, porque os vigias e roldas correm pelas barbacans. Sahi vós outros, e esperae-os á boca do subterraneo. Dentro de poucas horas todos estarão comvosco. Basta que me deis um signal com que eu possa fazer que elles me obedeçam.»

O Lidador pareceu assentir á proposição de D. Bibas; porque tirando da escarcella uma taboasinha cuberta de cera, com um anel que tinha no dedo estampou nella o seu sello de camafeu, e entregando-a ao bobo, lhe disse:

«Vai — appresenta isto ao meu villico — e serás obedecido em tudo.»

«Falta ainda uma cousa! — continuou D. Bibas. Reverendo abbade, vesti esse trajo de escudeiro que abi vêdes, e deixai-me vossa cogulla. Não sei o que me diz o coração... Talvez me seja necessaria. Será esta a primeira recompensa do serviço que ora vos faço.»

Fr. Hilarião hesitou; mas o terror das ameaças

que o truão ouvira ao conde só lhe dava logar a uma idéa — a de sahir de Guimarães sem risco. Depois de cincoenta annos de vida monastica, pela primeira vez o monge trocava por trajos profanos o seu santo habito.

D. Bibas entregou a lanterna de furta fogo aos dous amigos, que se internaram no subterraneo. Tanto que desapareceram, elle abriu ás apalpadellas a porta exterior da sua pocilga, e cosendo-se com o muro do pateo, atravessou a ponte levadiça e encaminhou-se para o bairro do senhor da Maia. (A. Herculano).

O manná purgativo. — Wellsted, que peregrinou a Arabia e outras regiões d'oriente ha poucos annos, diz que a notavel substancia, dita manná, purgante dos mais brandos e muito usual, é colhida de varias plantas em varios paizes d'Asia. Ha sitios na Persia onde attribuem sua origem á secreção de certos insectos, e apanham-a n'uns arbustos, que nomeam *gavan*, de dois a tres palmos d'alto, e parecidos com a giesteira. — No territorio de Luristan, Mesopotamia, viu que o tiravam de umas arvores da ordem das amentilhosas, especie de carvalho anão; e que para o obter faziam assim: estendiam á noite lençoes debaixo das ramas, e antemanha o recolhiam na fórma de gotas cristalinas de orvalho, quaes nas madrugadas observámos nas plantas do nosso continente. — A proposito citaremos o infatigavel Burekhardt que examinou em Erzerum, Persia, uma substancia que similhava o manná em gosto e consistencia, e o produzia certa arvore que dava galhas, e os habitantes a usavam por alimento. — Talvez porem que sejam estas materias differentes do manná da Sicilia e Calabria, empregado nas boticas, e que só temos aqui provindo da Italia; os botanicos o tem por gomma vegetal, exsudação da arvore, parenta do freixo, e que se chama *fraxinus ornus*, ou *rotundifolia*; a qual escorre naturalmente das folhas, no estio e por tempo sereno, do meio dia até anoitecer, na fórma de um licor claro, que depois se condensa.

Castigos extravagantes. — No reinado do imperador do occidente, Otton o grande, que decorreu entre os annos 936 e 973, filho mais velho de Henrique o passarinho [assim chamado, porque, quando os deputados foram annunciar-lhe a sua eleição á corôa, foi encontrado a caçar passaros] infligiam-se penas sobremaneira singulares, segundo a diversidade d'estados. O *harnescar* era a punição da alta nobreza; consistia em levar um cão aos hombros na distancia d'uma ou duas leguas. A nobreza mais inferior era condemnada a carregar uma sella de cavallo: o clerigo um grande missal; e os burguezes uma charrua ou arado.

É uma maxima hoje assaz bem reconhecida, que a agricultura, sendo animada, é o verdadeiro fundamento da povoação e força dos imperios; o solido esteio em que se sustentam as manufacturas, as artes e commercio; a fonte, de que emana a sua firme prosperidade; o thesouro e verdadeiras minas de qualquer estado; o unico meio d'enriquecer de continuo tanto o subdito como o soberano; e enfim o melhor regresso para poder pagar as dividas publicas e não contrahir outras. — Brotero.